

Biografia Preta

Documento Educacional para Apoio ao Professor

Documento educacional - Marielle Franco

Gerado em: 15/04/2026, 02:24:34 | Versão pipeline: 1

Com base no documento de pesquisa fornecido, segue o documento educacional sobre Marielle Franco.

BLOCO 1 — Quem foi Marielle Franco

Marielle Franco não foi um acidente na história do Brasil. Foi uma consequência e uma resposta. Nascida e criada no Complexo da Maré, uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, sua vida foi atravessada pelas forças que moldam o país: a violência do Estado, o racismo estrutural, a precariedade e a imensa potência da organização comunitária. Mulher, negra, favelada, bissexual e mãe, ela não apenas sobreviveu a um sistema desenhado para silenciá-la, mas o transformou em sua plataforma política. Sua trajetória é um mapa da resistência brasileira no século XXI.

Ser uma mulher negra da favela, no Brasil do final do século XX e início do XXI, significava viver sob constante ameaça, seja pela bala perdida do confronto entre polícia e facções, seja pela exclusão sistemática de espaços de poder e conhecimento. A entrada de Marielle na política institucional não foi uma simples candidatura; foi a invasão de um espaço historicamente branco, masculino e elitista, por um corpo e uma voz que representavam tudo o que aquele sistema se esforça por manter do lado de fora dos muros.

Sua formação, iniciada em um cursinho popular e culminada com um mestrado em Administração Pública, não foi um caminho de ascensão individual para esquecer a origem, mas uma busca por ferramentas para fortalecer sua comunidade. Marielle levou a favela para a universidade e, depois, para a Câmara de Vereadores. Ela não falava "sobre" os direitos humanos; ela falava a partir da experiência vivida de quem teve seus direitos negados diariamente. Sua política era a tradução institucional da luta pela vida.

O que significa para um sistema que produz a violência ser confrontado por uma de suas maiores testemunhas, agora com o poder de uma voz institucional?

BLOCO 2 — Contexto histórico

Marielle Franco viveu durante a redemocratização do Brasil (1979-2018), um período marcado por avanços democráticos no papel e violência brutal na prática. Especialmente no Rio de Janeiro, o vácuo do Estado nas favelas foi preenchido pela ascensão do crime organizado e, posteriormente, pelas milícias, enquanto a resposta estatal se resumia a uma política de segurança de "guerra às drogas" — uma guerra não declarada contra a população pobre e preta. Operações policiais resultavam em alta letalidade, e a vida cotidiana era pautada pela instabilidade e pelo medo. Em 2018, ano de seu assassinato, o Rio estava sob uma intervenção federal que militarizou ainda mais a segurança pública, intensificando os abusos que Marielle denunciava.

Globalmente, movimentos por direitos civis como o Black Lives Matter nos EUA e o #MeToo ganhavam força, dialogando com o ativismo que Marielle já praticava no Brasil. Internamente, a Constituição de 1988 era uma promessa de cidadania que não chegava para todos. Em 2017, pessoas negras representavam 75% das vítimas de homicídio no país. Para mulheres negras, a situação era ainda mais grave, combinando a vulnerabilidade da violência de gênero com o racismo e a pobreza.

Nesse cenário, o Estado praticava o que se conceitua como necropolítica: uma gestão que define quais vidas importam e quais corpos são descartáveis e matáveis. Favelas, majoritariamente negras, eram tratadas como territórios de exceção. Foi contra essa lógica de extermínio e em resposta direta a ela que o feminismo negro e os movimentos de favela, nos quais Marielle Franco se forjou, ganharam força e voz.

BLOCO 3 — Contribuições em detalhe

A trajetória política de Marielle Franco foi a formalização de uma vida inteira de ativismo. Suas contribuições não foram atos isolados, mas a materialização de uma luta coletiva dentro de uma estrutura de poder.

Ativismo na Redes da Maré (a partir de 2000): A faísca de sua militância pública foi a dor. Após uma amiga ser morta por uma bala perdida, Marielle canalizou o luto em ação. Ingressou na organização Redes da Maré, onde coordenou projetos de direitos humanos. Isso não era um trabalho burocrático; era estar na linha de frente, documentando abusos policiais e organizando a comunidade para se defender da violência do Estado, dentro de um território onde o Estado só se fazia presente através da força.

Eleição e Mandato na Câmara (2016-2018): Sua eleição como vereadora em 2016, com 46.131 votos, foi um evento político sísmico. Ela não foi apenas a quinta mais votada; foi a primeira mulher negra com essa margem de votos a ocupar uma cadeira na Câmara do Rio, representando explicitamente a favela. Ser a única mulher negra no plenário significava que seu corpo, por si só, era um ato político. Ela presidiu a Comissão de Defesa da Mulher, usando esse instrumento para pautar as violências específicas sofridas por mulheres negras, lésbicas, bissexuais e periféricas — grupos sistematicamente ignorados pela política tradicional.

Fiscalização da Intervenção Federal (2018): Quando o governo federal decretou a Intervenção Militar no Rio de Janeiro, Marielle se tornou uma das vozes mais contundentes na fiscalização dos abusos cometidos pelas Forças Armadas nas favelas. Suas denúncias, feitas em tempo real em suas redes sociais e na tribuna, não eram apenas opiniões; eram atos de fiscalização de uma representante eleita, que a colocaram em rota de colisão direta com os poderes que lucravam com a guerra. Dias antes de ser assassinada, ela denunciou a violência do 41º Batalhão da PM em Acari.

A Prática da Interseccionalidade: A maior contribuição de Marielle talvez tenha sido traduzir o conceito acadêmico de "interseccionalidade" em prática política real. Em eventos como o "Direito à Favela" (2017), ela não ia para "levar" propostas, mas para escutar e construir com coletivos locais. Sua luta não era fragmentada: ao defender os direitos de mulheres negras, ela defendia o direito à moradia; ao defender a comunidade LGBTQIA+, ela denunciava a violência policial; ao defender o direito à favela, ela defendia o direito à vida. Ela articulou, como ninguém antes dela na política institucional carioca, que essas opressões não eram separadas, mas sobrepostas e que a luta, portanto, também precisava ser una.

BLOCO 4 — Por que isso importa hoje

O assassinato de Marielle Franco e de seu motorista, Anderson Gomes, em 14 de março de 2018, não a silenciou. Pelo contrário, transformou seu nome em um símbolo global de luta por justiça. A pergunta "Quem mandou matar Marielle?" ecoa até hoje como um grito contra a impunidade e a conexão entre o poder político e as milícias no Brasil. Seu legado vive no slogan "Marielle Presente", que afirma que suas ideias e sua luta continuam através de outras pessoas.

Hoje, a influência de Marielle é visível no aumento de candidaturas de mulheres negras, de pessoas LGBTQIA+ e de ativistas de periferia, que se sentiram inspiradas por sua coragem. Ativistas como Mônica Benício, sua companheira, e movimentos de favelas continuam o trabalho que ela começou, lutando por justiça e por um modelo de cidade que não descarte seus próprios cidadãos. Debates sobre racismo, violência de gênero, militarização da segurança pública e necropolítica no Brasil contemporâneo são indissociáveis da sua trajetória e de sua morte. Ela nos força a encarar a face mais brutal do Brasil e, ao mesmo tempo, a nos inspirar na potência de quem ousa lutar para mudá-lo.

Aplicação pedagógica:

* Referência legal: A trajetória de Marielle Franco é um material de profundo valor para o cumprimento da Lei 10.639/2003. Ela exemplifica a história da resistência negra contemporânea e a luta por cidadania em um contexto de racismo estrutural, sendo uma figura central para discutir a história afro-brasileira para além do período da escravidão.

* Disciplinas:

* História: Para analisar a história do tempo presente, movimentos sociais no Brasil redemocratizado e a luta por direitos civis da população negra.

* Sociologia: Para discutir conceitos como interseccionalidade, racismo estrutural, violência de Estado e necropolítica a partir de um caso concreto.

- * Artes: Para estudar como sua imagem se tornou um ícone cultural em grafites, murais (como os de Panmela Castro) e outras formas de arte urbana e de protesto.
- * Filosofia: Para debater ética, direitos humanos, justiça e o papel do Estado na proteção da vida.
- * Educação Física: Para discutir como corpos negros e periféricos são historicamente vulnerabilizados e controlados em espaços públicos.
- * Faixa etária recomendada: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A complexidade de temas como milícias, intervenção federal e assassinato político exige maior maturidade para a discussão.
- * Sugestão de atividade: Análise de Discurso e Território. Dividir a turma em grupos e entregar postagens de redes sociais ou discursos curtos de Marielle (facilmente encontrados online). Pedir que identifiquem: 1) Qual problema ela denunciava? 2) Quem eram as vítimas desse problema? 3) Qual solução ou ação ela propunha? 4) Como a identidade dela (mulher, negra, favelada) dava a ela uma perspectiva única sobre o tema? Ao final, cada grupo apresenta sua análise, construindo um painel das pautas de seu mandato.
- * Pergunta geradora: Marielle Franco usou as instituições para lutar contra a violência do próprio Estado. Em que momentos a participação "dentro do sistema" é uma ferramenta de mudança, e quando ela se torna um risco para quem ousa desafiá-lo?

BLOCO 5 — Para ir mais fundo

Artigos em acesso aberto:

- * Redação. "Não serei interrompida! Um estudo interseccional e discursivo sobre Marielle Franco". Repositório UFAL. URL: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/16591/1/N%C3%A3o%20serei%20interrompida!%20Um%20estudo%20interseccional%20e%20discursivo%20sobre%20Marielle%20Franco.pdf>
- * Autores. "Pensando a interseccionalidade a partir da trajetória de Marielle Franco". Periódicos PUC-Rio. URL: <https://periodicos.puc-rio.br/dignidaderevista/article/download/938/623/3618>
- * Autores. "Fazer Marielle Franco presente: por uma sociologia das ausências e das emergências". Dialnet (Unirioja). URL: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8075140.pdf>
- * Autores. "Marielle Franco: necropolítica e interseccionalidade no discurso da vereadora". Revista de Ciências Humanas UNITAU. URL: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/download/643/355/2412>

Portais e Acervos:

- * Agenda Marielle: Portal que reúne as pautas defendidas por Marielle Franco e apoia iniciativas que dão seguimento ao seu legado. URL: <https://www.agendamarielle.com/pautas>
- * WikiFavelas: Enciclopédia colaborativa sobre as favelas do Rio, com verbetes que contextualizam a violência e a resistência onde Marielle atuou. URL: <https://wikifavelas.com.br/>

BLOCO 6 — Notas do pesquisador

- * Nível de confiança geral: MÉDIO. A pesquisa se baseia em fontes secundárias de alta qualidade (acadêmicas e jornalísticas), mas a investigação sobre seu assassinato ainda está em andamento, e detalhes de sua vida privada e início da militância possuem lacunas documentais.
- * Lacunas documentais: A data exata de nascimento de sua filha, Luyara (apenas o ano de 1998 é consistentemente citado); detalhes sobre mentores informais e formação política antes de seu engajamento na Redes da Maré; registros quantitativos detalhados de seu mandato, como número de pessoas atendidas em projetos de lei ou público em eventos.
- * Natureza da escassez de fontes: Não aplicável. Por ser uma figura pública recente, a documentação é abundante, embora majoritariamente secundária e focada em sua carreira política e assassinato.
- * Controvérsias historiográficas: Nenhuma controvérsia significativa foi identificada nas fontes. Há um amplo consenso acadêmico e na imprensa qualificada sobre seu papel como ativista interseccional e sobre a natureza política de seu assassinato.
- * Observações para uso pedagógico: A trajetória de Marielle Franco envolve temas sensíveis como violência estatal, assassinato político e preconceito. É crucial criar um ambiente de escuta e respeito em sala de aula, especialmente se houver alunos que vivenciam realidades similares. O foco deve ser na potência da sua ação política e no debate sobre cidadania, não na espetacularização da violência.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta
com base em pesquisa verificada.
Nível de confiança da pesquisa: MÉDIO
Data de produção: 26 de abril de 2024
Versão: 1.0

Mensagem da Biografia Preta

Aprofunde sua aula com as biografias e jogos da Biografia Preta.

Documento produzido pela Equipe Biografia Preta com base em pesquisa verificada.
Contato: contato@biografiapreta.com.br
Links: <https://biografiapreta.com.br>